

ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA: UMA PAISAGEM INICIAL

VICTÓRIA OLIVEIRA BASTOS¹; ÉDIO RANIERE DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – vicbastos.95@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto surge através dos desdobramentos e provocações realizados em torno da Arte e da Psicologia Social que, quando agenciados com a filosofia da diferença e cosmovisão indígena, lança-nos ao movimento, encabeçado pelo indígena artista Jaider Esbell, da Arte Indígena Contemporânea - AIC (2016, 2018a; 2018b). A elaboração da AIC constituiu território a muitos artistas cujas poéticas passaram a ocupar o lugar de destaque em vários contextos da arte contemporânea. Então, o estudo busca, a partir da noção de Arte Indígena Contemporânea, apresentar uma paisagem inicial ao movimento que se encontra em plena ebulição. Isso posto, os artistas citados aqui compõem seus acervos e realizam suas produções alinhados à AIC, trazendo contextos Macuxi, Pataxó, Baniwa, Tukano, Yanomami, Taurepang e tantos outros a cena, posicionando o nosso olhar através de uma perspectiva menos colonizadora sobre Arte Indígena Contemporânea.

O termo, investido por Esbell, surge como uma tradução para a coletividade, pois a potencialidade do movimento que a AIC propõe nos guia para a transformação da lógica da individualidade e propriedade, apontando, através da arte, as questões de um coletivo – abrindo possibilidades de caminhos e olhares para uma nova percepção da relação com o que chamamos de natureza. Dessa forma, o referencial teórico parte das narrativas compostas na filosofia ameríndia e com os diálogos possíveis através da filosofia da diferença.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho, realizado com o apoio da bolsa de iniciação científica da FAPERGS, partiu, inicialmente, de buscas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico sobre as produções acadêmicas acerca da Arte Indígena Contemporânea. Dessa maneira, em agosto de 2021, os seguintes descritores foram escolhidos e lançados nas duas bases de dados: “arte” AND “arte contemporânea” AND “indígena”. Logo após a procura e organização dos artigos selecionados, houve a triagem a partir dos resumos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. No entanto, a potência da AIC demonstra não estar contida apenas nas produções acadêmicas expostas nas bases de dados sobre

arte, e, a partir dessa percepção, colocamo-nos ao desafio de realizar pesquisas independentes.

Portanto, partindo de quem acreditamos ser o fio condutor do movimento AIC, Jaider Esbell, artista indígena de etnia Macuxi, encontramos uma série de indígenas artistas que dialogam com AIC. Assim sendo, fomos traçando algumas conexões entre as referências que estão em seu histórico como curador e artista, principalmente a partir da criação de seu ateliê, em 2013, nomeado de “Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea”¹. Nomes como Arissana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Ibã Huni Kuin, Daiara Tukano, Joseca Yanomami, Mário Flores Taurepang, entre outros estão presentes em suas falas, exposições, escritas e curadorias, bem como em seu acervo de Arte Indígena Contemporânea. Nesse sentido, não se pretendeu realizar uma cartografia a partir das contribuições dos indígenas artistas, mas sim um pequeno acervo de fragmentos e anotações que viemos colecionando sobre as produções desses artistas e o movimento da AIC, agora compartilhado por nós por acreditarmos que possa colaborar com novas pesquisas acerca desse tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A crise ambiental, política e social instaurada pelo Antropoceno determina o destino assombroso do planeta, como Davi Kopenawa aponta, em *A queda do céu*: “Então, o céu, tão doente quanto nós por causa da fumaça dos brancos, vai começar a gemer e se rasgar.” (p. 493). Dessa maneira, Jaider encabeça a AIC como um resgate da vinculação da arte com a vida e existência, associando homem e natureza, colocando holofotes no elo sujeito-universo que se fez oculto, alicerçado pela visão ocidental, durante um período significativo da existência.

Fazemos política de resistência declarada com a arte em contexto contemporâneo aberto. Em contexto fechado, ressignificamos nossas estruturas culturais e sociais com arte e espiritualidade em um mútuo alimentar de energias para compor a grande urgência de sustentar o céu acima de nossas cabeças. (ESBELL, 2018b)

Nesse sentido, quando falamos de multiplicidade, rupturas e resistências, a noção de AIC nos conduz à filosofia da diferença, que nos lança, a mesma maneira, para fora desse eixo privado e universal. Ao nos aprofundarmos no múltiplo, realizamos o que Deleuze e Guattari intitulam de rizomorfo. Ser rizomorfo é lidar com as multiplicidades, pensando nas diferenças e destruindo o que bloqueia o

¹ Para saber mais, acesse: <<https://www.galeriajaideresbell.com.br/>>

devir, “produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos.” (DELEUZE, GUATTARI, 2011 – p. 34). Tornar-se múltiplo, desfazer o rosto, a identidade e a propriedade privada.

A Arte Indígena Contemporânea está atravessada também por um sentido de ruptura com o que se pode chamar de arte colonizadora. De acordo com Martins (2018 p.12 apud Castoriadis, 1982,1992), a narrativa ocidental colonizadora parte do pressuposto de negação da existência do outro para a consolidação de si mesmo, e os rastros deixados por essa concepção justificam o sistema de arte o qual estamos acostumados. Por essa razão, “(...) é preciso admitir que, nos séculos transcorridos desde as grandes navegações e das invasões, a cosmovisão do colonizador foi instalada e sedimentada entre as práticas culturais nos territórios colonizados.” (Ibidem, 2018. p. 17).

Dessa maneira, a quebra das referências eurocentradas é encontrada em movimentos como o da AIC, que compõem com esse sentido de caminhos alternativos, abertos às multiplicidades contramajoritárias. Assim sendo, a composição de um sistema de arte comunitário, alicerçado na pluralidade e diversidade, conduz a AIC à maneira de que a individualidade se esvai no meio de uma sociedade coletiva, sustentando uma relação de equilíbrio com a ecologia do planeta.

No entanto, as urgências transmitidas na AIC não se limitam apenas ao campo ecológico – a AIC convoca o deslocamento do eixo privado e universal, aproximando o múltiplo e desconstruindo os pressupostos acerca de origem, cultura, gênero, criação e mundo. Assim sendo, a concepção de AIC advém de pensar rupturas ao que conhecemos, revelando sistemas que são subvertidos em potência de resignificação.

4. CONCLUSÕES

A paisagem que desejamos demonstrar aqui se coloca como pontapé inicial para um agenciamento com o que há de coletivo em nós, isto quer dizer que a

potencialidade do movimento AIC que Arissana Pataxó, Carmézia Emiliano, Denilson Baniwa, Ibã Huni Kuin, Daiara Tukano, Joseca Yanomami, Mário Flores Taurepang, Jaider Esbell e tantos outros indígenas artistas carregam abre passagem para outros imaginários possíveis, para que se coloque esperança no mundo. Então, a noção de arte indígena chacoalha a ideia do universo europeu colonizador, desmistifica a arte eurocêntrica pautada no eu, centralizando uma arte sustentável – que emana da luta em defesa dos direitos indígenas – reagindo à invisibilidade e opressão sofrida pelos povos originários e realizando, através da arte, a perspectiva de elaboração de um mundo melhor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa, São Paulo: Editora 34, 2011.
2. ESBELL, Jaider. **Índios: identidades, artes, mídias e conjunturas**. Revista Em Tese, Belo Horizonte, v.22, n.2, p.11-19, maio/ago, 2016.
3. _____. **Makunaima, o meu avô em mim!** Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018a.
4. _____. **Arte indígena contemporânea e o grande mundo**. Revista Select, São Paulo, Vol. 7 Nº. 39, Junho/Julho/ Agosto 2018b.
5. KOPENAWA, David e ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
6. MARTINS, Alice Fátima. **RASCUNHOS PARA UMA POÉTICA DA SOLIDARIEDADE COMO EXERCÍCIO CRÍTICO à concepção colonizadora da arte**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, p. 9-24, jul/dez, 2018.